

Pontuação

A comunicação ocorre pela combinação de palavras, de enunciados, de símbolos visuais, sonoros, entre outros. Na oralidade, muitos recursos são usados para agregar valor à comunicação, como gestos, expressões faciais e corporais, entonações, interrupções, ruídos, silêncios, etc. Na escrita, muitos desses recursos são impossíveis (como a expressão facial e os ruídos), porém podem ser substituídos por outros mecanismos, entre eles, os sinais de pontuação. A pontuação pode contribuir tanto para a construção sintática dos enunciados quanto para dar mais expressividade às sentenças.

É irrefutável, então, a importância do domínio das regras essenciais para o emprego dos sinais de pontuação. Isso porque o uso advertido da pontuação contribui substancialmente para a organização textual – e evidentemente para a clareza de ideias – e, muitas vezes, torna-se elementar para enunciados mais expressivos.



Armandinho, de Alexandre Beck

Nessa tirinha, os sinais de pontuação mais se relacionam à expressividade do que à estruturação sintática do enunciado. Embora no primeiro quadrinho o ponto de interrogação esteja apenas sinalizando que a oração se trata de uma pergunta, nos demais quadrinhos a pontuação marca o tom da conversa entre as personagens. No segundo quadrinho, as reticências foram empregadas para sinalizar a interrupção, por Armandinho, da fala de sua amiga. Tal interrupção, acrescida da fala do menino no próximo quadro, leva a entender que ele não quer ouvir o que a menina tem a dizer. Expressivamente, significa que o que ela diz não é importante. Essa ideia é enfatizada com o uso das exclamações que acompanham a explícita informação de que não há espaço para ela naquela conversa. No contexto da história, o conteúdo da conversa, porém revela que Armandinho está equivocado, pois seu comportamento expressa exatamente o ponto de seu questionamento, já que, ao pedir que ela não se meta e dizer que "isso é papo de homem", sem compreender, ele age de modo machista.

Agora, veja outra situação:



Cláudia Gomes
www.bichinhosdejardim.com

Nesse quadrinho temos a pontuação como expressão e como organização sintática. Na pergunta "Deus, você está aí?", a pontuação faz seu papel de estruturação sintática, uma vez que a vírgula foi usada para marcar a presença do vocativo "Deus". Já as reticências marcam o silêncio da personagem em cena, sinalizando uma pausa para processar seu pensamento, portanto, um recurso expressivo. No último quadrinho, além de as reticências marcarem a continuação da ideia anterior, a fala que encerra o pedido da personagem traz novamente a vírgula para a organização da oração, dando destaque à observação sobre a possibilidade de o atendimento ao pedido ser realizado ("se for possível"), e a exclamação é expressiva, pois evidencia um sentimento interjetivo, uma espécie de lembrete, da personagem.

SINAIS DE PONTUAÇÃO

Os sinais de pontuação da Língua Portuguesa são:

Vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos, reticências, aspas, travessão.

A vírgula

Existem dois elementos centrais a se considerar para empregar a vírgula nos enunciados: a organização sintática da frase e os efeitos ou as possibilidades semânticas desse sinal de pontuação. Pode-se dividir o estudo da vírgula em duas categorias: primeiro, o período simples, depois, o período composto. No primeiro caso, a vírgula é usada entre termos para marcar deslocamentos; no segundo caso, para separar, quando necessário, orações.

Período simples

Uma regra geral facilita a compreensão sobre o uso da vírgula: a vírgula é um organizador sintático.

A frase na Língua Portuguesa tem uma organização básica, que é chamada de **ordem direta**. A ordem direta dos enunciados segue a seguinte configuração: sujeito, verbo, complemento e, quando existir, adjunto adverbial. Nessa ordem, independentemente do tamanho da frase, não haverá vírgulas, pois considera-se que a frase já está organizada numa perspectiva sintática. Entretanto, devido a possibilidades semânticas, a vírgula pode se fazer presente. Observe o exemplo:

- Os times mineiros Atlético e Cruzeiro disputaram o título da Copa do Brasil em novembro de 2014.

Nessa oração tem-se: sujeito "Os times mineiros Atlético e Cruzeiro"; verbo "disputaram"; complemento "o título da Copa do Brasil"; adjunto adverbial "em novembro de 2014".

Percebe-se, então, que a frase já se encontra na ordem direta (organizada), o que dispensa a presença da vírgula. O leitor, porém, pode se perguntar: os termos Atlético e Cruzeiro não poderiam ficar entre vírgulas? Analise o contexto a seguir:

- Os times mineiros, **Atlético e Cruzeiro**, disputaram o título da Copa do Brasil em novembro de 2014.

As vírgulas nesse contexto levam à compreensão de que, em Minas Gerais, só existem dois clubes de futebol: o Atlético e o Cruzeiro. Assim, essa frase, semanticamente, produz uma informação equivocada em relação à coerência externa, ao conhecimento de mundo, já que em Minas existem muitos outros clubes. Lembre-se de que o aposto virgulado é uma explicação, generaliza; o aposto sem vírgulas é um restritor, porque seleciona um ou mais elementos em um grupo maior. Na frase em análise, por exemplo, sem as vírgulas está-se dizendo que, entre os clubes existentes em Minas Gerais, foram o Atlético e o Cruzeiro que disputaram o título da Copa do Brasil no ano de 2014.

Em suma, no período simples, usa-se vírgula para indicar o deslocamento de termos nos enunciados e para separar elementos que desempenham a mesma função sintática, tudo isso como maneira de organizar a frase.

- Em novembro de 2014, os times mineiros Atlético e Cruzeiro disputaram o título da Copa do Brasil.
- Os times mineiros Atlético e Cruzeiro disputaram, em novembro de 2014, o título da Copa do Brasil.
- O título da Copa do Brasil, os times mineiros Atlético e Cruzeiro disputaram-no em novembro de 2014.

Observe que nos enunciados as vírgulas sinalizam o deslocamento dos termos "em novembro de 2014" e "o título da Copa do Brasil".

Leia os ditados populares a seguir:

- Para bom entendedor, meia palavra basta.
- De grão em grão, a galinha enche o papo.

Nesses dois exemplos, a vírgula tanto marca uma organização sintática quanto contribui para o efeito expressivo do texto. Nos dois casos, a vírgula sinaliza o deslocamento dos adjuntos adverbiais, respectivamente, de finalidade e de modo. Expressivamente, o deslocamento acentuado pela presença da vírgula coloca em evidência a circunstancialidade da ideia central, ou seja: meia palavra basta, mas basta a quem é bom entendedor; a galinha enche o papo, mas o enche grão a grão. Reforça-se, dessa maneira, no primeiro ditado, a ideia da necessidade de ser um bom leitor ou bom comunicador; no segundo, a ideia da persistência e da paciência necessárias ao alcance de objetivos.

Período composto

No período composto, simplifica-se da seguinte maneira:

- 1) Orações coordenadas: usa-se vírgula entre as orações para sinalizar a independência. No interior de cada oração que compõe o período, obedece-se à regra geral da organização sintática da frase.

- Os alunos da 3ª série solicitaram a anulação da prova, contudo a coordenação negou o pedido. (a vírgula aqui separa as orações coordenadas)
- Os alunos da 3ª série solicitaram a anulação da prova; a coordenação negou, contudo, o pedido. (as vírgulas sinalizam o deslocamento da conjunção "contudo")

- 2) Orações subordinadas substantivas: não são separadas por vírgulas, pois a oração subordinada é sempre uma função sintática, em ordem direta, da oração principal.

- **É necessário que os alunos tenham mais contato com a arte.**

Oração principal + Oração subordinada substantiva subjetiva

- **O policial disse que o motorista fez uma ultrapassagem proibida.**

Oração principal + Oração subordinada objetiva direta

As substantivas admitem vírgula se a oração substantiva anteceder a oração principal.

- **Que os alunos tenham mais contato com a arte, é necessário.**

Oração subordinada substantiva + Oração principal

- 3) Orações subordinadas adjetivas: se a ideia for de explicação, obriga-se vírgula; se for de restrição, não se usa vírgula.

- Minha irmã que atualmente vive no Amazonas volta para Belo Horizonte na próxima semana.

Nessa frase, entende-se que o "eu" tem mais de uma irmã, mas ele se refere à que, atualmente, está no Amazonas.

- Minha irmã, que atualmente vive no Amazonas, volta para Belo Horizonte na próxima semana.

Agora, o “eu” tem apenas uma irmã; ela mora no Amazonas e vem para Belo Horizonte na próxima semana.

Percebe-se, assim, que, nas orações adjetivas, o que define o emprego ou não emprego da vírgula são fatores semânticos e expressivos, e não sintáticos. Há de se observar a coerência de mundo sobre a informação.

- 4) Orações subordinadas adverbiais: as vírgulas são facultativas quando a oração principal estiver à frente da subordinada; mas são obrigatórias quando há inversão, ou seja, a oração subordinada estiver antes da oração principal.

- O Brasil será um país de menos desigualdades, quando houver acesso universal a uma educação de qualidade.

Oração principal + Oração adverbial = vírgula facultativa

- Quando houver acesso universal a uma educação de qualidade, o Brasil será um país de menos desigualdades.

Oração adverbial + Oração principal = vírgula obrigatória

Elipse verbal

Usamos vírgula para assinalar uma elipse (omissão) verbal.

- O poeta parnasiano preferia a forma, a rigidez; o modernista, a liberdade.

Nesse período, o ponto e vírgula marcou a ausência de uma conjunção adversativa (mas, contudo, porém...), e a vírgula sinalizou a elipse do verbo “preferia”.

Em suma, deve-se observar a ordem da frase, a hierarquia entre as orações, a elipse de verbos e os aspectos semânticos para se empregar ou não vírgulas.

O ponto e vírgula

Primeiro, é importante desconstruir um conceito estranho de que ponto e vírgula marca pausa maior que a vírgula e menor que o ponto. Curiosa essa perspectiva, dada a necessidade de se medir tamanho de pausa; inevitavelmente se cai num subjetivismo e num abstracionismo sem medidas. Resultado? Dificuldade de saber de fato quando se emprega tal recurso de pontuação. Decerto existem poucas orientações funcionais, e aqui opta-se por simplificar. Emprega-se ponto e vírgula:

- 1) quando se ausentar conjunção, seja pela omissão, seja pelo deslocamento.
 - O governador prometeu reajuste salarial; os professores, entretanto, mantiveram a greve.

Nesse período, o ponto e vírgula foi usado para marcar a ausência da conjunção “entretanto” no início da segunda oração.

- A casa é de ferro; o espeto, de pau.

Nesse ditado popular, o ponto e vírgula marca a omissão de uma conjunção adversativa, por exemplo, o “mas”. A vírgula, por sua vez, marcou a elipse do verbo “ser”, na forma flexionada “é”.

Observe o trecho do texto “Um apólogo”, de Machado de Assis:

[...]

A linha não respondia; ia andando. Buraco aberto pela agulha era logo enchido por ela, silenciosa e ativa, como quem sabe o que faz, e não está para ouvir palavras loucas. A agulha, vendo que ela não lhe dava resposta, calou-se também, e foi andando. E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic-plic-plic da agulha no pano. Caindo o sol, a costureira dobrou a costura, para o dia seguinte. Continuou ainda nessa e no outro, até que no quarto acabou a obra, e ficou esperando o baile.

ASSIS, Machado de. Um apólogo. In: *Para gostar de ler* – contos. São Paulo: Editora Ática, 1984. v. 9. p. 59.

Há dois exemplos de omissão de conjunção. No primeiro caso “A linha não respondia; ia andando”, o ponto e vírgula substitui uma conjunção adversativa; na segunda ocorrência “E era tudo silêncio na saleta de costura; não se ouvia mais que o plic-plic...”, o ponto e vírgula ocupa o lugar de uma conjunção conclusiva, por exemplo, o “portanto”.

Percebe-se, dessa maneira, o poder coesivo do ponto e vírgula.

- 2) Entre itens de leis, decretos, regulamentos, enumerações formadas por orações.

TÍTULO I

DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

- I. a soberania;
 - II. a cidadania;
 - III. a dignidade da pessoa humana;
 - IV. os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa; (Vide Lei nº 13 874, de 2019)
 - V. o pluralismo político.
- [...]

Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 10 jan. 2020. [Fragmento]

3) Entre orações coordenadas em que já se utiliza vírgulas.

[...]

– Então, senhora linha, ainda teima no que dizia há pouco? Não repara que esta distinta costureira só se importa comigo; eu é que vou aqui entre os dedos dela, unidinha a eles, furando abaixo e acima.

[...]

ASSIS, Machado de. *Um apólogo*. São Paulo: DCL, 2003.

O ponto e vírgula foi usado no contexto para melhor organizar o período, fazendo a distinção entre a separação de orações e a separação de termos dentro da oração.

Nesse cartaz que reitera a importância da vacinação, o uso dos dois-pontos introduz uma enumeração que discrimina quem deve receber a vacina.

3) Trazer uma explicação ou apontar uma conclusão sobre o que já foi dito.

O vereador Freitas propôs também a declaração de que, em nenhum caso, fossem os vereadores recolhidos ao asilo dos alienados: cláusula que foi aceita, votada e incluída [...].

ASSIS, Machado de. *O Alienista*. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/alienista.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020. [Fragmento]

Os dois-pontos introduzem uma oração que explica o que foi enunciado na oração anterior.

Dois-pontos

Regularmente ocorre em três situações:

1) Anteceder o início de fala de pessoas ou de personagens, como ocorre, a seguir, no trecho da fábula “O lobo e o cordeiro”.

[...]

Você agita a água – continuou o lobo ameaçador – e sei que você andou falando mal de mim no ano passado.

– Não pode – respondeu o cordeiro – no ano passado eu ainda não tinha nascido.

O lobo pensou um pouco e disse:

– Se não foi você foi seu irmão, o que dá no mesmo.

– Eu não tenho irmão – disse o cordeiro – sou filho único.

[...]

Disponível em: <<https://metaforas.com.br/infantis/2004-02-14/o-lobo-e-o-cordeiro.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2020. [Fragmento]

2) Introduzir uma enumeração.



As reticências

As reticências funcionam mais como um recurso expressivo do que como estruturador e / ou organizador sintático. Entre suas possibilidades expressivas, destacam-se:

- marcar a exclusão de excertos textuais;
- sinalizar a interrupção de falas em diálogos;
- expressar surpresa, timidez, dúvida, insegurança, indecisão;
- sugerir ao leitor completar o raciocínio.



Disponível em: <<https://acporto.wordpress.com/tag/andre-dahmer/>>. Acesso em: 16 jan. 2020.

Nessa tira, por exemplo, as reticências no segundo e no terceiro quadros marcam a interrupção de uma fala e a complementação de um raciocínio, respectivamente. Isso porque os enunciados são ditos por personagens diferentes: a primeira personagem começa uma linha de raciocínio que é interrompida e completada pela outra personagem que aparece sozinha no quadro 3. No último quadro, as reticências são expressivas no sentido de tentarem representar o sentimento de “medo”, de “arrepio”, gerado pelo teor do diálogo.

As aspas

As aspas são sinais de pontuação de função bastante heterogênea, diversificada; serve tanto ao campo da estrutura sintática – quando, por exemplo, indica citação de vocábulos, destaca títulos de textos, sinaliza uma transcrição literal de uma fala ou citações em geral – quanto ao campo da expressividade – ao, por exemplo, apontar gírias, estrangeirismos e neologismos, conferir ironia a verbetes ou expressões.

O texto a seguir é um fragmento de uma redação considerada acima da média no vestibular da Unicamp. Observe os diferentes usos das aspas.

Eterna “rádio-relógio”

A realidade contemporânea se depara a cada dia com uma nova invenção: computadores cibernéticos, descobertas grandiloquentes, parafernalia modernas. Invenções ultra-avanzadas que estariam por extinguir tudo o que exalasse aromas fétidos do passado. Certo? Não, errado. Uma invenção como o rádio, vista pelos olhares do desenvolvimento como um tanto que ultrapassada, se redesenha e ganha novos contornos em pleno século XIX, sem perder sua onipotência e onipresença no cotidiano das pessoas. Somos verdadeiras “Macabéas”, que se encantam e surpreendem a cada voz vinda da “rádio-relógio”.

O resgate histórico dessa invenção humana reafirma o seu papel durante as décadas. Foi ícone de uma nova sociedade e de um novo sistema que se fortalecia. Invadia milhares de casas e aguçava ouvidos impacientes com notícias da Segunda Guerra Mundial ou do capítulo decisivo da rádio-novela. Embalava sonhos de mocinhas ingênuas, discutia políticas nacionais e internacionais e vendia o mais novo produto do “american-way-of-life”. Creme rugol, beba coca-cola, ou gessy para os seus dentes, se misturavam com o número de mortos no “front” de batalha e com a nova desvalorização do café. Alcançava milhares de pessoas em minutos e indicava o início da eliminação de fronteiras que estaria por vir. Com o passar dos anos, essa “caixinha com voz” se modernizou. [...]

Disponível em: <http://www.comvest.unicamp.br/vest_antiores/2005/download/comentadas/1fase.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2020. [Fragmento]

Já no título, as aspas são evocadas pelo autor e, se, num primeiro momento, elas marcam a citação de um termo, a leitura do texto leva a entender que as aspas, na verdade, sinalizam uma metaforização em que “relógio” funciona como metonímia para a ideia de tempo. A expressão “rádio-relógio”, precedida do adjetivo “eterna”, significa, então, que o rádio é uma tecnologia resistente ao tempo, persistente.

Em “Macabéas”, as aspas marcam uma citação, referência à protagonista do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, bem como colocam o leitor e o autor do texto como sujeitos comparáveis a essa personagem, que se encantava com o rádio. Na expressão “american-way-of-life”, marcou-se um conceito, e em “front”, um estrangeirismo. As aspas em “caixinha com voz” conotam um tom afetivo do autor em relação ao rádio.

O travessão

Esse sinal de pontuação, muito visto em narrações que trazem o discurso direto na estrutura, não se limita a esse uso. Ou seja, além de introduzir fala de personagens, ele pode ser empregado para separar palavras, expressões ou frases explicativas, bem como para separar orações intercaladas no texto. Nesse caso, o travessão impõe um destaque a tais expressões.

No excerto a seguir, de *O Alienista*, Machado de Assis empregou o travessão para marcar a fala de D. Evarista, cedida pelo narrador; e, depois, para introduzir uma explicação, um comentário do narrador sobre os olhos de D. Evarista.

Ilustre dama, no fim de dois meses, achou-se a mais desgraçada das mulheres; caiu em profunda melancolia, ficou amarela, magra, comia pouco e suspirava a cada canto. Não ousava fazer-lhe nenhuma queixa ou reproche, porque respeitava nele o seu marido e senhor, mas padecia calada, e definhava a olhos vistos. Um dia, ao jantar, como lhe perguntasse o marido o que é que tinha, respondeu tristemente que nada; depois atreveu-se um pouco, e foi ao ponto de dizer que se considerava tão viúva como dantes. E acrescentou:

– Quem diria nunca que meia dúzia de lunáticos... Não acabou a frase; ou antes, acabou-a levantando os olhos ao teto, – os olhos, que eram a sua feição mais insinuante, – negros, grandes, lavados de uma luz úmida, como os da aurora. Quanto ao gesto, era o mesmo que empregara no dia em que Simão Bacamarte a pediu em casamento.

ASSIS, Machado de. *O Alienista*. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/alienista.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2020. [Fragmento]



Pontuação



Qual a diferença entre usar vírgula e ponto e vírgula? Seria a mesma coisa usar ponto-final e ponto de exclamação? Tire suas dúvidas sobre pontuação com essa videoaula.

EXERCÍCIOS DE APRENDIZAGEM



Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 01 e 02.

Primeiro ato

Amelinha – (Virando-se para a mãe) Edmundo está inocente. Sem culpa.

Valdelice – (Fazendo-a calar) Não repita essa asneira. (Pausa) Temos de pressioná-lo, minha filha.¹ Você não tem idade para perceber a ruindade dos homens. Você foi se-du-zi-da.

Amelinha – (Sentando-se) Seduzida?! Mas eu sei que não é verdade!

Valdelice – A história tem de ser diferente... Trate de se convencer disso.

[...]

Amelinha – Não me sinto bem em dizer o que não fiz...

Agente – Aprenda a primeira lição: às vezes a verdade não é a que se conhece, mas a outra... (Pausa) É ir por mim. (Notando o laço de fita da moça) Pra que este laço?

Amelinha – Foi ideia da mamãe.

Valdelice – Não a quero desgraciosa diante da autoridade.

Agente – (Compenetrado) Nada de lacinho de fita! Você não é anjo de procissão. (Tom) Quem perde a honra não se interessa por enfeite. (Ríspido) Tire-o.

Amelinha – (Indecisa) Mas eu... eu...

Agente – (Arrebata-lhe o laço) Bobagem! (Pausa). Retire também o ruço, o batom...² Tenho de prepará-la para impressionar o delegado, o juiz, todo mundo.³ Do contrário, ninguém defenderá você. (Tom) Assanhe os cabelos.

Segundo ato

Benedito – (À Amelinha, que continua assustada, mas impressionada com a situação que vive)⁴. Então, você acabou sendo enganada? (Ela aquiesce) Levou-a no caminhão da entrega sistemática, não foi? (Ela confirma) Vá ver que era um caminhão Ford. (Ao Permanente) Ford! A influência nefasta do capitalismo internacional! (Pausa) E os botijões? Balançavam? Sacudiam? (Pausa) Estavam cheios... ou vazios?

Amelinha – (Num sopro) Vazios...

Benedito – (Eufórico) Vazio! (Pausa, em explosão) Vibravam, não? (Dramatizando) Imagino como não eram ruidosos! Tática de cinema americano, "noir", de péssima qualidade. (Pausa) E o carro? Corria veloz? E você, gritava?

Amelinha – (Voz débil, a confirmar) Gritava.

[...]

Benedito – (À Amelinha) Então estavam vazios os botijões (Ela concorda) Vazios... E o carro corria, em disparada, não? (Ela aquiesce) E fazia aquele ruído...

Amelinha – (Que vai aderindo, qual participasse de um jogo...) Um ruído terrível...

Benedito – Ah, eu imagino! E o seu desespero? Hem, moça?⁵

Amelinha – Ah, como eu sofri dentro do caminhão...

Valdelice – (Surpresa, à filha) Você nunca me falou antes em caminhão. Que carro é esse?

Amelinha – (Indiferente) O caminhão, mãe... Caminhão Ford.

[...]

Benedito – E depois? Hem? Depois?

Amelinha – (Enlevada, mais fantasiosa) Ele me apertava em seus braços fortes, sem mais querer me soltar. (Tom) Meu Deus, era bom mas eu sofria. (Pausa) Eu me sentia tonta, desfalecida, principalmente pelo som infernal dos botijões... E por cima de tudo, eu tinha medo de morrer.

Benedito – (Animando-a) Mais, mais, vai para a primeira página.

Amelinha – Paramos num lugar distante, como se diz mesmo? ... ermo... (Pausa) Onde era? Onde? Ainda hoje me pergunto, sem resposta... (Pausa) Nem sei direito. Mas sei que havia uma árvore muito frondosa, e tinha um rio largo, perto... e... acho que havia também uma cabana.⁶ Um velho pescador estava sentado, longe, longe, numa pedra...

Valdelice – Minha filha, você está descrevendo o calendário da sala de jantar!

[...]

Benedito – E depois, e depois?⁷

Amelinha – Ele começou a puxar o zíper do meu vestido.

Valdelice – Mas você não tem vestido de zíper!!!

Benedito – Vá contando, me agrada! É matéria de primeira página.

Amelinha – Por fim, rasgou minha combinação de "nylon".

Valdelice – "Nylon"?! Você nunca usou isso!

[...]

Valdelice – (Como se tudo fosse um sonho) Agora que você está mais calma, me diga mesmo como é a história do caminhão, dos botijões vazios... Onde você conseguiu tudo isso?

Amelinha – E eu sei, mamãe?! Simpatizei com o moço, e dei de imaginar tudo.⁸ (Pausa) Será que o meu retrato vai sair bonito no jornal?

[...]

Edmundo – (Principia a falar com indecisão, procurando achar as palavras) Amelinha, eu... queria que você compreendesse... Por favor, conte ao Delegado o que em verdade se passou entre nós dois... Sei que você é direita...⁹ (Pausa) Fale.

Amelinha – (Em tom indefinido, como se na verdade visse outro personagem) Será que você já esqueceu?

Edmundo – Esqueceu o quê? Não compreendo.

Amelinha – Oh, Edmundo... Vocês, homens, esquecem tão ligeiro!

Edmundo – Mas não esqueci nada! Lembro que você me chamou à sua casa. E me abraçava, me queria... E eu então não pude resistir.

[...]

Amelinha – Oh, ao menos hoje, não seja cínico! O caminhão, os botijões vazios! Vamos, não diga que não se lembra! Você me carregou, eu não queria... Me convidou para ver os enfeites da boleia, e, de repente, acionou o motor, partiu veloz. Ah. Foi quando eu gritei, gritei: Não faça isso. Edmundo! Pare! Pare! E você correndo, nem me deu atenção!

Edmundo – (Ao Delegado) Isso não! Ao menos a verdade!

CAMPOS, Eduardo. A donzela desprezada. In: *Três peças escolhidas*. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 187-221.

01. (UFC-CE) Entre algumas funções, a vírgula é empregada para separar

- (1) vocativo;
- (2) repetições;
- (3) termos coordenados;
- (4) oração adjetiva de valor explicativo;
- (5) orações coordenadas aditivas proferidas com pausa.

Observe, nas passagens transcritas a seguir, o emprego das vírgulas, identifique a razão pela qual foram utilizadas e, em seguida, de acordo com o código apresentado, preencha os parênteses, estabelecendo a correlação adequada entre o uso e a regra.

- () "E depois, e depois?"
- () "E o seu desespero? Hem, moça?"
- () "Temos de pressioná-lo, minha filha".
- () "Simpatizei com o moço, e dei de imaginar tudo".
- () "Tenho de prepará-la para impressionar o delegado, o juiz, todo mundo".
- () "(À Amelinha, que continua assustada, mas impressionada com a situação que vive.)"

02. (UFC-CE) Entre algumas funções, as reticências são empregadas para denotar

- (1) hesitação;
- (2) enumeração incompleta.

Observe, nas passagens transcritas a seguir, o emprego das reticências, identifique a razão pela qual foram utilizadas e, em seguida, de acordo com o código apresentado, preencha os parênteses, estabelecendo a correlação adequada entre o uso na passagem e o valor denotado.

- () "Retire também o ruço, o batom..."
- () "Mas sei que havia uma árvore muito frondosa, e tinha um rio largo, perto... e... acho que havia também uma cabana".
- () "Amelinha, eu... queria que você compreendesse... Por favor, conte ao delegado o que em verdade se passou entre nós dois... Sei que você é direita... (Pausa) Fale".

03. (Ibmec-SP) Compare estes períodos:

- I. Os investidores que temiam ser vítimas da crise global financeira abandonaram o mercado de ações.
- II. Os investidores, que temiam ser vítimas da crise global financeira, abandonaram o mercado de ações.

A respeito do emprego de vírgulas, é correto afirmar que:

- A) Em I a ausência de vírgulas cria o pressuposto de que ainda há pessoas investindo na Bolsa de Valores.
- B) Em II a presença de vírgulas indica que somente alguns investidores temiam ser vítimas da crise financeira.
- C) A análise dos períodos permite afirmar que as vírgulas têm apenas a função de demarcar pausas na leitura.

D) Em I subentende-se que todos os investidores deixaram de aplicar seu dinheiro no mercado de ações.

E) Em II as vírgulas foram usadas para destacar a ideia de restrição, presente na oração subordinada adjetiva.

04.
MS6Y



(PUC-SP) Longe de ser opção apenas econômica, é eminentemente ética a necessidade de drástico direcionamento das atividades de ciência, tecnologia e inovação (CT&I) para o que tem sido chamado de "energias alternativas". É pura irresponsabilidade etiquetar de desperdício o atual gasto mundial nessa área. Ao contrário, os baixíssimos investimentos em CT&I para a superação da era dos fósseis só atestam o atraso e a miopia das elites dirigentes.

Mesmo os mais recalcitrantes "céticos", que insistem em negar o aquecimento global ou que ele seja provocado por atividades humanas, deveriam apoiar investimentos na busca de novas fontes energéticas.

Por isso, chega a ser escandalosa a desonestidade intelectual dos que repetem como papagaios que já teriam sido gastos US\$ 50 bilhões em tentativas de provar a influência climática das emissões antrópicas de CO.

Quem criou a lenda dos US\$ 50 bilhões foi o paleontólogo australiano Robert M. Carter, porque é contra os esforços em CT&I focados na procura de usos mais diretos da energia solar. Prefere que se continue a esbanjar recursos fósseis e não lamenta os US\$ 3 trilhões já queimados na Guerra do Iraque.

Na contramão desse tipo de baixaria, está despontando aquilo que o jornalista Thomas L. Friedman havia apelidado de "Green new deal" e agora chama de "revolução verde".

José Eli da Veiga, 60, professor titular de Economia da USP, e Petterson Vale, 25, mestrando em Desenvolvimento Econômico na Unicamp, são coautores do capítulo sobre economia e política do livro "Aquecimento global: frias contendas científicas".

VEIGA, José Eli; VALE, Petterson.
Folha de S. Paulo, 25 set. 2008.

Considerando as 5 (cinco) ocorrências de aspas destacadas no texto, as aspas foram usadas, na ordem em que aparecem, para

- A) chamar a atenção para expressão irônica / indicar duplo sentido / sinalizar expressão estrangeira / indicar o modelo tecnológico para aumento da produção agrícola / indicar título de obra.
- B) sinalizar para sentido eufemístico / chamar a atenção para sentido irônico / criticar estrangeirismo / indicar o modelo tecnológico para aumentar a produção agrícola / assinalar título de obra.
- C) evidenciar expressão irônica / chamar a atenção para sentido irônico / sinalizar expressão estrangeira / evidenciar nome de fenômeno meteorológico / indicar o modelo tecnológico de aumento de aquecimento.
- D) evidenciar expressão corrente e aceita / introduzir o modelo de aumento de aquecimento / criticar estrangeirismo / indicar ironia / assinalar título de obra.
- E) evidenciar expressão corrente e aceita / realçar o significado da palavra / sinalizar expressão estrangeira / indicar o modelo tecnológico para aumento da produção agrícola / assinalar título de obra.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS



Instrução: Leia o texto a seguir para responder às questões 03 e 04.

01. (FGV-SP) Considere o trecho:

O americano médio se sente duramente atingido no bolso. O dólar, que ainda é o dólar, símbolo de força e saúde econômica, perde valor a olhos vistos; a casa própria, um dos sonhos americanos, perde preço no mercado imobiliário; e o salário é corroído por uma inflação de 5,6% ao ano e pelo aumento do desemprego.

O ESTADO DE S. PAULO,
24 ago. 2008 (Adaptação).

Assinale a alternativa em que se apresenta o motivo de uso do ponto e vírgula no trecho e em que há uma frase na qual ele deve ocorrer.

- A) Enumeração de informações.
A vida de Obama tem muito dos romances de John Steinbeck: a mãe que vivia “batendo asas” o pai um homem emblemático e ausente o avô materno que se criou na cidade de El Dorado no Kansas.
- B) Seriação de coisas.
Obama foi criado na Indonésia e no Havaí países em que frequentou escolas e mais tarde aterrisou em Chicago.
- C) Interrupção de ideias.
O senador John McCain candidato republicano frequentou mais de uma dezena de escolas porque seu pai um almirante era transferido com frequência.
- D) Suspensão do pensamento.
Descrever Obama como um desenraizado como pretendem alguns leva a perguntar o que é ser desenraizado.
- E) Pausa entre as ideias.
Tendo sido um migrante por causa da carreira de meu pai John McCain acabei me tornando um andarilho por vontade própria.

02. (IFPE) Quanto à pontuação, leia as proposições seguintes:



- I. Em “Não sei se alguém, algum dia, por farra ou nostalgia, botou num papel as regras do futebol de rua”, as vírgulas delimitam o adjunto adverbial de tempo e de causa respectivamente.
- II. Em “usa-se qualquer coisa que role”, a ausência de vírgula antes do “que” dá ideia de explicação.
- III. Em “[...] seu irmão menor, que sairá correndo para se queixar em casa”, a vírgula antes do “que” restringe, especifica quem é “o irmão menor”.
- IV. Em “Tijolos, paralelepípedos, camisas emboladas, os livros da escola, a merendeira do seu irmão menor”, as vírgulas separam os núcleos do sujeito composto desse período.
- V. Em “Se a bola dobrar a esquina é córner”, deveria haver uma vírgula separando a oração subordinada da principal.

Estão corretas apenas

- A) I e II.
- B) II, III e IV.
- C) II, IV e V.
- D) III, IV e V.
- E) I e V.

Com o outro no corpo, o espelho partido

O que acontece com o sentimento de identidade de uma pessoa que se depara, diante do espelho, com um rosto que não é seu? Como é possível manter a convicção razoavelmente estável que nos acompanha pela vida, a respeito do nosso ser, no caso de sofrermos uma alteração radical em nossa imagem? Perguntas como essas provocaram intenso debate a respeito da ética médica depois do transplante de parte da face em uma mulher que teve o rosto desfigurado por seu cachorro em Amiens, na França.

Nosso sentimento de permanência e unidade se estabelece diante do espelho, a despeito de todas as mudanças que o corpo sofre ao longo da vida. A criança humana, em um determinado estágio de maturação, identifica-se com sua imagem no espelho. Nesse caso, um transplante (ainda que parcial) que altera tanto os traços fenotípicos quanto as marcas da história de vida inscritas na face destruiria para sempre o sentimento de identidade do transplantado? Talvez não. Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede (**ref. 1**) – não é tão absoluto: o espelho que importa, para o humano, é o olhar de um outro humano. A cultura contemporânea do narcisismo*, ao remeter as pessoas a buscar continuamente o testemunho do espelho, não considera que o espelho do humano é, antes de mais nada, o olhar do semelhante.

É o reconhecimento do outro que nos confirma que existimos e que somos (mais ou menos) os mesmos ao longo da vida, na medida em que as pessoas próximas continuam a nos devolver nossa “identidade”. O rosto é a sede do olhar que reconhece e que também busca reconhecimento. É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável. Além disso, dentre todas as partes do corpo, o rosto é a que faz apelo ao outro. A parte que se comunica, expressa amor ou ódio e, sobretudo, demanda amor.

A literatura pode nos ajudar a amenizar o drama da paciente francesa. O personagem Robinson Crusóé do livro *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico*, de Michel Tournier, perde a noção de sua identidade e enlouquece, na falta do olhar de um semelhante que lhe confirme que ele é um ser humano. No início do romance, o naufrago solitário tenta fazer da natureza seu espelho. Faz do estranho, familiar, trabalhando para “civilizar” a ilha e representando diante de si mesmo o papel de senhor sem escravos, mestre sem discípulos. Mas depois de algum tempo o isolamento degrada sua humanidade.

A paciente francesa, que agradeceu aos médicos a recomposição de uma face humana, ainda que não seja a “sua”, vai agora depender de um esforço de tolerância e generosidade por parte dos que lhe são próximos. Parentes e amigos terão de superar o desconforto de olhar para ela e não encontrar a mesma de antes. Diante de um rosto outro, deverão ainda assim confirmar que ela continua sendo ela. E amar a mulher estranha a si mesma que renasceu daquela operação.

KEHL, Maria Rita.

Disponível em: <folha.uol.com.br>.

*narcisismo – amor do indivíduo por sua própria imagem

- 03.** (UERJ–2018) “Ocorre que o poder do espelho – esse de vidro e aço pendurado na parede”

O fragmento introduzido pelo travessão especifica o sentido de espelho. Além da função de especificar o sentido de uma palavra, esse fragmento também cumpre, no parágrafo, o papel de

- A) antecipar emprego diferenciado do termo.
B) limitar usos atuais do discurso da ciência.
C) contradizer antiga expectativa do leitor.
D) indicar opinião implícita da autora.

- 04.** (UERJ–2018) “É que o rosto não se reduz à dimensão da imagem: ele é a própria presentificação de um ser humano, em sua singularidade irrecusável.”

Em relação à declaração feita antes dos dois-pontos, o trecho sublinhado possui valor de

- A) condição. C) explicação.
B) conclusão. D) comparação.

- 05.** (UEG-GO–2019) A cidade é um direito coletivo em emergência. No contexto da retomada das ideias de Henri Lefebvre sobre esse tema e da emergência de uma série de movimentos sociais no mundo inteiro, assistimos atualmente a uma crescente reivindicação do direito de ocupar e reinventar a cidade, de modo a torná-la efetivamente democrática. Como podemos, portanto, definir esse direito?

A cidade, escreveu certa vez o famoso sociólogo urbano Robert Park, é “a tentativa mais coerente e, em termos gerais, mais bem-sucedida de refazer o mundo em que o homem vive, e de fazê-lo de acordo com seus mais profundos desejos. Porém, se a cidade é o mundo criado pelo homem, segue-se que também é o mundo em que ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma consciência bem definida da natureza de sua tarefa, ao criar a cidade o homem recriou a si mesmo”.

Para Park, a questão do tipo de cidade que queremos não pode ser separada da questão do tipo de pessoas que queremos ser, que tipos de relações sociais buscamos, que relações com a natureza nos satisfazem mais, que estilo de vida desejamos levar, quais são os nossos valores estéticos.

Nessa perspectiva, o direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade, de forma que ela atenda aos desejos mais profundos e às necessidades mais prementes do ser humano. Além disso, é um direito mais coletivo do que individual, uma vez que reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. A liberdade de fazer e refazer a nós mesmos e às nossas cidades é um dos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados.

HARVEY, David. *Cidades rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. São Paulo: Martins Fontes, 2014. p. 28-30 (Adaptação).

Considere o seguinte fragmento:

“Nessa perspectiva, o direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade, de forma que ela atenda aos desejos mais profundos e às necessidades mais prementes do ser humano.”

O uso do sinal de dois pontos (:), nesse trecho, tem a função de

- A) intercalar um segmento vocativo.
B) introduzir um trecho explicativo.
C) sinalizar uma enumeração de itens.
D) marcar a inserção de um discurso direto.
E) separar a oração principal da subordinada.

- 06.** (UNIFESP–2020) Leia a crônica “Inconfiáveis cupins”, de Moacyr Scliar, para responder à questão.

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuída todas suas frustrações ao artista holandês. Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.

Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

O imaginário cotidiano. 2002.

Tendo em vista a ordem inversa da frase, verifica-se o emprego de vírgula para separar um termo que exerce a função de sujeito em:

- A) "Deu-lhe muito trabalho, aquilo." (4º parágrafo)
- B) "Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar." (6º parágrafo)
- C) "Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava." (5º parágrafo)
- D) "Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins." (3º parágrafo)
- E) "Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana." (4º parágrafo)

- 07.** (UNIFESP) A questão focaliza uma passagem da comédia *O juiz de paz da roça* do escritor Martins Pena (1815-1848).

JUIZ (*assentando-se*): Sr. Escrivão, leia o outro requerimento.

ESCRIVÃO (*lendo*): Diz Francisco Antônio, natural de Portugal, porém brasileiro, que tendo ele casado com Rosa de Jesus, trouxe esta por dote uma égua. "Ora, acontecendo ter a égua de minha mulher um filho, o meu vizinho José da Silva diz que é dele, só porque o dito filho da égua de minha mulher saiu malhado como o seu cavalo. Ora, como os filhos pertencem às mães, e a prova disto é que a minha escrava Maria tem um filho que é meu, peço a Sa. mande o dito meu vizinho entregar-me o filho da égua que é de minha mulher".

JUIZ: É verdade que o senhor tem o filho da égua preso?

JOSÉ DA SILVA: É verdade; porém o filho me pertence, pois é meu, que é do cavalo.

JUIZ: Terá a bondade de entregar o filho a seu dono, pois é aqui da mulher do senhor.

JOSÉ DA SILVA: Mas, Sr. Juiz...

JUIZ: Nem mais nem meios mais; entregue o filho, senão, cadeia.

PENA, Martins. *Comédias* (1833-1844). 2007.

O emprego das aspas no interior da fala do escrivão indica que tal trecho

- A) reproduz a solicitação de Francisco Antônio.
- B) recorre a jargão próprio da área jurídica.
- C) reproduz a fala da mulher de Francisco Antônio.
- D) é desacreditado pelo próprio escrivão.
- E) deve ser interpretado em chave irônica.

- 08.** (UECE)

FWCT



O amigo da casa

A própria menina se prende muito a ele, que ainda lhe trouxe a última boneca, embora agora ela se ponha mocinha: encolhe-se na poltrona da sala sob a luz do abajur e lê a revista de quadrinhos. Ele é alemão como o dono da casa. Tem apartamento no hotel da praia e joga tênis no clube, saltando com energia para dentro do campo, a raquete na mão. Assiste às partidas girando no copo de uísque os cubos de gelo. É o amigo da casa. Depois do jantar, passeia com a mãe da menina pelo caminho de pedra do jardim: as duas cabeças – a loira e a preta de cabelos aparados – vão e vêm, a dele já com entradas da calva.

Ele chupa o cachimbo de fumo cheiroso, que o moço de bordo vai deixar no escritório.

O dono da casa é Seu Feldmann. Dirige o seu pequeno automóvel e é muito delicado. Cumprimenta sempre todos os vizinhos, até mesmo os mais canalhas como Seu Deca, fiscal da Alfândega.

Seu Feldmann cumprimenta. Bate com a cabeça. Compra marcos a bordo e no banco para a sua viagem regular à Alemanha. Viaja em companhia do comandante do cargueiro, em camarote especial. Então respira o ar marítimo no alto do convés, os braços muito brancos e descarnados, na camisa leve de mangas curtas.

A fortuna de origem é da mulher: as velhas casas no centro da cidade, os antigos armazéns, o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos em companhia do outro, que é o amigo da casa, e da menina.

Saem os dois à noite e ele para o seu próprio automóvel sob os coqueiros na praia. Decerto brigaram mais uma vez, porque ela volta para casa de olhos vermelhos, enrolando nos dedos o lençinho bordado. Recolhe-se a seu quarto (ela e seu Feldmann dormem em quartos separados). Trila o apito do guarda. Os faróis do automóvel na rua pincelam de luz as paredes, tiram reflexo do espelho. Ela permanece insone: o vidro de sua janela é um retângulo de luz na noite.

CAMPOS, Moreira. In: *Obra completa* – contos II. 1969. p. 120-122. Originalmente publicado na obra *O puxador de terço* (Adaptação).

Atente ao trecho recortado do conto e marque a opção correta:

"A fortuna de origem é da mulher: as velhas casas no centro da cidade, os antigos armazéns, o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos em companhia do outro, que é o amigo da casa, e da menina."

- A) Reescrito da seguinte maneira, isto é, eliminando-se a vírgula que vem depois do vocábulo "casa", o trecho não teria o mesmo sentido: A fortuna de origem é da mulher: as velhas casas no centro da cidade, os antigos armazéns, o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos em companhia do outro, que é o amigo da casa e da menina.
- B) As duas orações seguintes: "de onde ela desce aos domingos em companhia do outro" e "Que é o amigo da casa, e da menina" restringem o sentido de "o sítio da serra" e de "o outro".
- C) O enunciado "A fortuna de origem é da mulher" tem o mesmo significado e as mesmas conotações deste outro enunciado: A origem da fortuna é a mulher.
- D) Incorreria em erro (pelos parâmetros da Gramática Normativa) a pessoa que pusesse uma vírgula depois de "domingos", em "o sítio da serra, de onde ela desce aos domingos, em companhia do outro".

- 09.** (UERJ-2020)

Meu irmão, Ntunzi

[...]

Meu irmão Ntunzi vivia num só sonho: escapar de Jerusalém.¹ Ele conhecera o mundo, vivera na cidade, lembrava-se da nossa mãe. Tudo isso eu invejava nele. Vezes sem conta lhe pedia que me desse notícias desse universo que eu desconhecia e, de cada vez, ele se demorava em detalhes, cores e iluminações. Os seus olhos brilhavam, crescidos de sonhos. Ntunzi era o meu cinema.

Por incrível que pareça, quem o encorajara na arte de contar histórias tinha sido o nosso pai. Silvestre achava que uma boa história era uma arma mais poderosa que fuzil ou navalha. Mas isso tinha sido antes da nossa chegada a Jerusalém. Naquele tempo, ante as queixas de conflitos na escola, Silvestre incentivava Ntunzi: “Se te ameaçam de pancada, responde com uma história”.

– *O pai falava assim?* – perguntei, surpreso.

– *Falava.*

– *E resultou?* – perguntei.

– *Fartei-me de apanhar.*

Sorriu. Mas era um riso triste porque a verdade é que, no presente, que história haveria para inventar? Que história pode ser criada sem lágrima, sem canto, sem livro e sem reza? Meu irmão cinzenteava-se, envelhecendo a olhos vistos. Certa vez, ele se lamentou de modo estranho:

– *Neste mundo existem os vivos e os mortos. E existimos nós, os que não temos viagem.*

Ntunzi sofria porque se lembrava, tinha termos de comparação. Para mim, aquela reclusão era menos penosa: eu nunca tinha saboreado outras vivências.²

[...]

¹ Meu irmão Ntunzi vivia num só sonho: escapar de Jerusalém.

² Para mim, aquela reclusão era menos penosa: eu nunca tinha saboreado outras vivências.

Em (1) e (2), os dois-pontos ligam orações de um período composto, um recurso recorrente no romance. Explique o papel coesivo desse sinal de pontuação em cada um dos períodos citados.

10. (UERJ)

O primo Basílio

Ia encontrar Basílio no *Paraíso* pela primeira vez. E estava muito nervosa: não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido que lhe fizera pôr um véu muito espesso, e bater o coração ao encontrar Sebastião. Mas ao mesmo tempo uma curiosidade intensa, múltipla, impelia-a, com um estremecimentozinho de prazer. – Ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionais! Havia tudo – a casinha misteriosa, o segredo ilegítimo, todas as palpitações do perigo! Porque o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a casa em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio! Como seria? [...] Desejaria antes que fosse no campo, numa quinta¹, com arvoredos murmurados e relvas fofas; passeariam então, com as mãos enlaçadas, num silêncio poético; e depois o som da água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo lânguido² aos sonhos amorosos... Mas era num terceiro andar – quem sabe como seria dentro? [...]

E ao descer o Chiado³, sentia uma sensação deliciosa em ser assim levada rapidamente para o seu amante, e mesmo olhava com certo desdém os que passavam, no movimento da vida trivial – enquanto ela ia para uma hora tão romanesca da vida amorosa! [...] Imaginava Basílio esperando-a estendido num divã de seda; e quase receava que a sua simplicidade burguesa, pouco experiente, não achasse palavras bastante finas ou carícias bastante exaltadas. Ele devia ter conhecido mulheres tão belas, tão ricas, tão educadas no amor! Desejava chegar num cupê⁴ seu, com rendas de centos de mil-réis, e ditos tão espirituosos como um livro...

A carruagem parou ao pé duma casa amarelada, com uma portinha pequena. Logo à entrada um cheiro mole e salobre⁵ enojou-a. A escada, de degraus gastos, subia ingrememente, apertada entre paredes onde a cal caía, e a umidade fizera nódoas⁶. No patamar da sobreloja, uma janela com um gradeadozinho de arame, parda do pó acumulado, coberta de teias de aranha, coava a luz suja do saguão. E por trás duma portinha, ao lado, sentia-se o ranger dum berço, o chorar doloroso duma criança. [...]

Luísa viu logo, ao fundo, uma cama de ferro com uma colcha amarelada, feita de remendos juntos de chitas diferentes; e os lençóis grossos, dum branco encardido e mal lavado, estavam impudicamente⁷ entreabertos...

QUEIRÓS, Eça de. *Obras de Eça de Queirós*. Porto: Lello & Irmão, s/d.

¹ quinta – pequena propriedade campestre

² lânguido – sensual

³ Chiado – bairro de Lisboa

⁴ cupê – antiga carruagem fechada

⁵ salobre – salgado

⁶ nódoas – manchas

⁷ impudicamente – sem pudor

“E estava muito nervosa: não pudera dominar, desde pela manhã, um medo indefinido”

No trecho anterior, o sinal de dois-pontos estabelece uma relação de sentido. Identifique essa relação. Depois, reescreva o trecho, substituindo o sinal de dois-pontos por um conectivo que mantenha a mesma relação de sentido. Faça adaptações, se for necessário.

SEÇÃO ENEM

01. (Enem) Leia o texto a seguir para responder à questão.

Sobre a vírgula

Vírgula pode ser uma pausa... ou não:

Não, espere.

Não espere.

Ela pode sumir com seu dinheiro:

23,4.

2,34.

Pode ser autoritária:

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode criar heróis:

Isso só, ele resolve.

Isso só ele resolve.

E vilões:

Esse, juiz, é corrupto.

Esse juiz é corrupto.

Ela pode ser a solução:

Vamos perder, nada foi resolvido.

Vamos perder nada, foi resolvido.

A vírgula muda uma opinião:

Não queremos saber.

Não, queremos saber.

Uma vírgula muda tudo.

ABI: 100 anos lutando para que ninguém mude uma vírgula da sua informação. Disponível em: <<http://www.abi.org.br/poeta-cria-cordel-inspirado-na-campanha-de-cem-anos-da-abi/>>.

Acesso em: 09 maio 2011.

Aponte o par de frases a seguir em que a modificação no emprego da vírgula causa efeito semelhante ao que ocorre nas frases do texto da ABI (Associação Brasileira de Imprensa).

- A) Sem televisão você será um homem inteiramente novo.
Sem televisão você será um homem, inteiramente, novo.
- B) Obtenha seu aparelho de televisão grátis.
Obtenha seu aparelho de televisão, grátis.
- C) Os telespectadores, cansados, caíram no sono.
Os telespectadores cansados caíram no sono.
- D) Tenho o dever de não deixá-lo hoje em companhia da televisão.
Tenho o dever de não deixá-lo, hoje, em companhia da televisão.
- E) Uma criança, que assista à TV sem orientação, será influenciada.
Uma criança que assista à TV sem orientação será influenciada.

03. (Enem)

L.J.C.

- 5 tiros?
- É.
- Brincando de pegador?
- É. O PM pensou que...
- Hoje?
- Cedinho.

COELHO, M. In: FREIRE, M. (Org.). *Os cem menores contos brasileiros do século*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

Os sinais de pontuação são elementos com importantes funções para a progressão temática. Nesse miniconto, as reticências foram utilizadas para indicar

- A) uma fala hesitante.
- B) uma informação implícita.
- C) uma situação incoerente.
- D) a eliminação de uma ideia.
- E) a interrupção de uma ação.

SEÇÃO FUVEST / UNICAMP / UNESP



02. (Enem) Pontuação é o conjunto de sinais gráficos destinados a indicar pausa mais ou menos acentuada de caráter objetivo, subjetivo ou distintivo. Uma das funções mais importantes da pontuação é tornar as orações e períodos mais fáceis de ler. Toda frase mais ou menos longa deve merecer leitura atenta e repetida, para que a pontuação seja usada de modo correto. São estes os mais importantes sinais de pontuação: o ponto, a vírgula, o ponto e vírgula, os dois-pontos, o ponto de interrogação, o ponto de exclamação, os parênteses, as reticências, as aspas e o travessão. Os quatro primeiros constituem a pontuação de pausa objetiva; os quatro seguintes formam a pontuação de pausa subjetiva, afetiva, e os dois últimos são os sinais distintivos.

SACCONI, Luiz Antônio. *Guia Ortográfico e Ortofônico*. São Paulo: Nova Geração. p. 239. [Fragmento]

O trecho em que a pontuação foi adequadamente empregada, conforme as prescrições do *Guia* de Sacconi, de modo a facilitar a leitura e a compreensão é:

- A) Dengue... A culpa é do mosquito? Dizem, uns não: a culpa não é do mosquito. Dizem, outros: e a prevenção, sempre, ineficaz.
- B) Dengue: a culpa é do mosquito. Dizem uns: não, a culpa não é do mosquito, dizem outros. E a prevenção? Sempre ineficaz.
- C) Dengue! A culpa é do mosquito, dizem uns. Não a culpa, não é do mosquito, dizem outros – e a prevenção, sempre ineficaz.
- D) Dengue? A culpa é do mosquito, dizem uns; não, a culpa não é do mosquito, dizem outros. E a prevenção? Sempre é ineficaz.
- E) Dengue – a culpa é do mosquito – dizem uns. Não a culpa não é do mosquito, dizem outros. E a prevenção... Sempre ineficaz.

GABARITO

Meu aproveitamento

Aprendizagem

Acertei _____ Errei _____

- 01. (2) (1) (1) (5) (3) (4)
- 02. (2) (1) (1)
- 03. A
- 04. E

Propostos

Acertei _____ Errei _____

- 01. A
- 02. E
- 03. A
- 04. C
- 05. B
- 06. A
- 07. A
- 08. A
- 09. Como corretamente apontado no enunciado, nesse romance, é recorrente o uso dos dois-pontos ligando orações de um período composto. Isso acontece nos dois trechos em análise, com objetivos diferentes. No primeiro, os dois-pontos marcam a pausa entre o termo "sonho" e a oração que o explica, ou seja, o aposto. Assim, eles têm função explicativa. No segundo trecho, da mesma forma, o sinal ocupa o lugar da conjunção explicativa pois (ou porque), deixando subentendida a noção de causa / explicação: a causa da reclusão ser menos penosa para o narrador é o fato de que ele nunca tinha saboreado outras vivências.
- 10. No trecho em análise, o sinal de dois-pontos estabelece uma relação de causa, indicando a razão pela qual a personagem estava nervosa. Reescrito com o mesmo sentido, seria possível substituir o sinal de pontuação por uma conjunção ou locução conjuntiva de sentido equivalente, como: "E estava muito nervosa, **porque** não dominava / **uma vez que** não dominava / **já que não conseguia** dominar, desde pela manhã, um medo indefinido".

Seção Enem

Acertei _____ Errei _____

- 01. C
- 02. D
- 03. B



Total dos meus acertos: _____ de _____ . _____ %